



Nossa história começa na África

1ª parte

GENINHO: Olá, amigos, tudo bem com vocês?! Estou novamente aqui para falar do nosso universo religioso. Com a ajuda do meu amigo Zambi, apresentaremos nessa e na próxima edição as religiosidades afro-brasileiras.

ZAMBI: Olá, amigos, inicio dizendo que meu nome é de origem africana e na linguagem Banto significa "Ser Supremo". Vou contar para vocês a história de meus antepassados que ouvi do meu avô quando eu era pequenino e nunca mais a esqueci.

Um pouco antes de descobrirem o Brasil, os portugueses chegaram à costa africana e, com o apoio de alguns chefes tribais, começaram a capturar pessoas para o trabalho escravo. Mas essa prática já existia antes de chegarem os portugueses.

Os escravos eram tratados como objetos e, como tal, trocados por armas, pólvora, tecidos, espelhos, fumo e bebidas. Uma grande quantidade de escravos foi trazida ao Brasil, mas também para os Estados Unidos, para o Caribe e para outras regiões.

Meu avô contou-me que, quando pequeno, estava brincando com os seus amiguinhos em sua aldeia, lá no interior da Angola, quando, de repente, apareceram os *pombeiros*, homens violentos que raptavam as pessoas para depois vendê-las como escravos. Meu avô, seus amigos e quase toda a aldeia foram raptados.

Quando chegaram à praia, meu avô viu muita gente, homens, mulheres e crianças vindos de vários lugares, de várias tribos. Ali, os prisioneiros começaram a ser divididos em grupos. Muitas vezes os amigos e os casais com os seus filhos eram separados e enviados a destinos diferentes, de forma que nunca mais se encontrariam novamente.

UM PESADELO SEM FIM

Meu avô, embora ainda pequenino, manteve muito vivo na memória os gritos de dor, de tristeza e a dolorosa despedida do solo africano. Ele me contou que a



viagem para o Brasil não foi nada fácil, chegando a desejar a própria morte. Foram 40 dias de viagem, trancado no porão do navio, acorrentado, no escuro e com pouca ventilação, passando fome e sede. Muitos morreram de fome, de doenças ou em decorrência de maus-tratos.

Ao desembarcarem no Brasil, os escravos eram reunidos em grandes galpões. Para melhorar a aparência física, antes de serem vendidos, os escravos recebiam alimentação especial para recuperar o peso perdido durante a viagem. Para ficarem mais vistosos, seus corpos eram besuntados com óleo e suas gengivas e dentes eram esfregados com raízes cítricas. De cabeças raspadas, eram marcados com ferro quente no ombro, na coxa ou no peito.

Nos leilões públicos, os escravos eram vendidos como uma mercadoria qualquer e os preços variavam conforme as características: homens e mulheres fortes valiam mais do que crianças ou idosos.

E o sofrimento não para por aí!

Às vezes, enquanto esperavam pelo leilão, os negros eram obrigados a presenciar um açoitamento no pelourinho, a fim que fossem intimidados. Os castigos físicos eram comuns, mas aplicados somente contra os negros que não se submetiam ao trabalho forçado.

Quando passavam a trabalhar nos engenhos, recebiam uma péssima alimentação e nem o sagrado direito de repousar era respeitado. Para evitar fugas, muitas vezes eram obrigados a dormirem acorrentados. Trabalhava-se do nascer ao pôr do sol. O trabalho nos engenhos de cana-de-açúcar era pesadíssimo.

Pior ainda era a vida dos negros que trabalhavam nas minas de ouro. Devido às condições de trabalho e ao tratamento desumano a que eram submetidos, dificilmente ultrapassavam 10 anos de vida.

Mas havia também os escravos domésticos, os escravos que trabalhavam como carpinteiros, pedreiros ou pintores.

O trabalho deles não era tão pesado como o trabalho dos demais e alguns conseguiam, depois de muito trabalho e juntando as economias de uma vida inteira, comprar a carta de alforria, ou seja, a sua própria liberdade. Mas, mesmo com a carta de alforria em mãos, os negros eram discriminados e as portas da sociedade permaneciam fechadas para eles.

APESAR DE TUDO A CULTURA SOBREVIVEU

Proibidos de praticar sua religião de origem africana ou de realizar suas festas e rituais africanos, os escravos

tinham de seguir a religião imposta pelos senhores de engenho e a adotar a língua portuguesa na comunicação.

Mesmo com todas as imposições e restrições, não deixaram a cultura africana se apagar. Escondidos, realizavam seus rituais, praticavam suas festas e, assim, mantiveram vivos os hábitos, os costumes, as músicas, as danças, a culinária, a língua e a religião. Inclusive desenvolveram uma forma de luta: a capoeira.

Apesar de todo o sofrimento e exploração causados aos escravos africanos, a sua religiosidade se infiltrou e se consolidou no povo, formando, ao lado da religião católica, as duas maiores religiões do Brasil.



A LUTA DO POVO NEGRO POR LIBERDADE

Claro que os negros africanos não aceitaram passivamente a escravidão. Por isso, os senhores preocupavam-se em resgatar os fugitivos e castigar os rebeldes para conter os escravos. Havia muitas formas de rebelião: fugas, suicídio e, em casos mais radicais, chegava-se a assassinar o proprietário.

Os negros que conseguiam fugir começaram a formar comunidades: os quilombos. O mais famoso, sem sombra de dúvidas, é o Quilombo dos Palmares, cujo chefe chamava-se Zumbi.

Nessas comunidades, os negros cuidavam das próprias lavouras e até comercializavam produtos nas cidades mais próximas. As comunidades eram organizadas segundo os moldes que já existiam na África. Nos quilombos, os negros podiam praticar sua cultura, falar sua língua e exercer seus rituais religiosos.

O tamanho dessas comunidades variava, chegando até cerca de 30 mil pessoas. Nessas comunidades havia algo muito especial, um tesouro de valor incalculável: a liberdade!

Bom, meus amigos, voltaremos a falar nesse assunto na próxima edição. Axé a todos vocês!



PARA CONVERSAR:

Vimos, de forma resumida, a maneira com que os negros foram raptados da África, trazidos como escravos e o tratamento desumano que receberam aqui na época do Brasil colônia.

1. Como os negros são tratados hoje?
2. Quais são as formas "modernas" de preconceito, de racismo?
3. Existe, hoje, alguma forma de escravidão no Brasil? Quais?

